

O encontro de Brecht com a revolução alemã

No Centro Cultural Banco do Brasil, estréia amanhã a peça "Tambores da noite", de Bertolt Brecht. O sociólogo Leandro Konder aproveita o ensejo e fala das agitações alemãs pós-Primeira Guerra e do dramaturgo que nasceu burguês e se transformou em um dos maiores críticos do capitalismo

A pesar dos esforços do governo federal para dinamitar a vida cultural carioca, o Rio de Janeiro continua realizando coisas importantes na área da cultura. Amanhã, está estreando - numa bem cuidada encenação e sob a competente direção de Luís Fernando Lobo - uma peça do teatrólogo alemão Bertolt Brecht: "Tambores da noite".

Brecht é um velho conhecido do nosso público. Seus poemas já mereceram diversas traduções e várias de suas peças foram encenadas antes, em geral com sucesso. "Tambores da noite" é uma das obras menos conhecidas do autor de "Galileu" e de "Mãe coragem". No entanto, é um texto densamente significativo. Está incluído no primeiro volume do "Teatro completo" de Brecht (edição brasileira da Paz e Terra).

"Tambores da noite" estreou em Munique, em 23 de setembro de 1922, e fez um barulho danado, que valeu ao dramaturgo o Prêmio Kleist e o transformou, da noite para o dia, num intelectual famoso.

A peça nos remete a uma situação histórica especial, carregada de dramaticidade: a do fim da Primeira Guerra Mundial (1914-1918) e da onda revolucionária que se desencadeou a partir da conflagração. A devastação causada pelos combates foi acompanhada pela sensação generalizada de que a humanidade tinha se enganado a respeito de si mesma: as pessoas se sentiram amargamente decepcionadas e se lançaram, avidamente, em busca de novas razões de viver.

Hoje, a gente tem dificuldade de imaginar o que foi, para quem a viveu, a Primeira Guerra Mundial. Ela destruiu subitamente o clima espiritual da Belle Époque, a confiança que vinha sendo cultivada em amplos círculos a respeito das virtudes intrínsecas da ciência, da indústria e do progresso. As bombas lançadas pelos aviões (era a primeira vez que isso acontecia) traumatizaram centenas de milhares de criaturas. A tecnologia foi posta a serviço da morte em escala industrial.

Walter Benjamin - grande amigo de Brecht - observou que os homens que voltavam da frente de batalha falavam pouco, se mostravam taciturnos. Em parte, porque os horrores que tinham visto eram, no sentido literal da palavra, *inmemoráveis* (não podiam ser convenientemente narrados). Em parte, porque se sentiam muito solitários, não tinham com quem partilhar suas experiências.

"Tambores da noite" põe em cena um desses homens, um sobrevivente da "temporada no inferno": Kragler. Os que escapavam da morte se davam conta de que o mundo para o qual regressavam não era mais o mundo de onde tinham partido.

Brecht, que era um pacifista convicto, foi mobilizado para servir num hospital em Augsburg, no sul da Alemanha, e viu de perto o que estava acontecendo. Como enfermeiro, percebeu "como os médicos recauchutavam as pessoas para mandá-las para o front outra vez, o mais rapidamente possível".

As reações das pessoas à precipitação das mudanças assumiram formas diversas. Houve gente que tratou de tirar proveito das novas condições, fazendo bons negócios e obtendo grandes lucros. E o caso do personagem Balicke, de "Tambores da noite". Também houve gente que tratou de extrair da nova situação vantagens políticas, mobilizando em torno de uma retórica moralista conservadora a massa dos frustrados e ressentidos (como fez Benito Mussolini, na Itália; e como faria depois Adolf Hitler, na Alemanha). Mas houve, igualmente, muitas pessoas que se empenharam, apaixonadamente, na cria-

ção de novas bases para a solidariedade humana: os que resolveram lutar por uma nova comunidade, através de uma revolução.

Primeiro, houve a Revolução Russa, a tomada do Palácio de Inverno pelos leninistas, em novembro de 1917. Mas Lenin e seus companheiros estavam convencidos de que o novo Estado, recém-fundado por eles, só poderia sobreviver se o processo revolucionário se alastrasse pela Europa. E a grande esperança era a Alemanha.

A Alemanha era, em 1918, o campo de batalha onde os rumos da história deveriam ser decididos. A revolução alemã poderia, de algum modo, mudar a história da Europa (e com ela a história da humanidade). O ímpeto revolucionário se fez sentir, com vigor, nos tumultos de Hamburgo e Bremen, de Hannover e Colônia, mas sobretudo nas grandes demonstrações de força de Munique e de Berlim.

Depois de ter travado a guerra com a França, a Itália e a Rússia, a Alemanha se viu sacudida por uma guerra civil. Alemães foram mobilizados para matar alemães. Em Berlim, a passagem do ano de 1918 para 1919 culminou na chamada "semana sangrenta". Na Baviera, socialistas, comunistas e anarquistas chegaram a assumir o poder e a controlar o aparelho do Estado, porém foram derrubados manu militari.

A direita foi implacável na repressão.



Os líderes da esquerda foram sendo liquidados, um a um: em janeiro de 1919, foram assassinados Rosa Luxemburg e Karl Liebknecht; em fevereiro, Kurt Eisner; em março, Leo Jogiches.

A atmosfera se tornou sufocante. Em Berlim, um rapaz de 21 anos - Herbert Marcuse - se esgueirava pelas ruas com medo de ser denunciado como "subversivo". Na Baviera, outro rapaz de 21 anos - Bert Brecht - acolhia em sua casa um ativista político perseguido pela polícia.

A revolução foi derrotada. Os corpos de Rosa Luxemburg e Karl Liebknecht foram encontrados, boiando, no rio que atravessa a cidade de Berlim. Eugene Levine, um dos principais dirigentes da Comunidade Bávaca, foi levado a um tribunal que haveria de condená-lo à morte e, encarando os juizes, declarou-lhes: "Nós, comunistas, somos mortos no gozo de uma liderança provisória. Não sei se vocês vão



Bira Soares

"Tambores da noite", de Bertolt Brecht, e com direção de Luís Fernando Lobo, estréia amanhã, no CCBB

me conceder uma prorrogação ou se vão decidir que a licença acabou, como fizeram com Karl Liebknecht e Rosa Luxemburg."

O jovem Brecht não tinha nenhuma afinidade pessoal com o ascetismo revolucionário de Levine. Nessa época, nem comunista ele era. Tinha ideias materialistas e sentimentos mais ou menos pessimistas. Seu pessimismo se manifestava nos seus versos. Um de seus poemas dizia: "Confesso/ não tenho esperança./ Os cegos falam de uma saída./ Eu vejo./ Depois que os erros foram usados./ senta-se diante de nós, para nos fazer a última companhia/ o Nada."

No entanto, o pessimismo do jovem Brecht não resulta em passividade e se combina com uma postura de revolta ativa. O rebelde não entende a abnegação do bolchevique religiosamente devotado à "causa", mas se sente plenamente solidá-

rio com a rebelião "vital" daquela criatura que se empenhava, com tanta paixão, no encaminhamento de uma alternativa para a sociedade monstruosamente burguesa que emergira da guerra.

A tentativa revolucionária o comoveu. Se a revolução foi tão drasticamente reprimida - pensou ele - é porque ela chegou a ser uma possibilidade concreta. E pensou mais: se ela foi vencida, isso se deu porque determinadas forças a derrotaram.

A revolução alemã, então, serviu a Brecht para que ele se esclarecesse melhor em relação a seus inimigos: permiti-lhe definir com maior nitidez os adversários em que desejava vibrar seus golpes mais contundentes.

O jovem Brecht não era politizado, mas era antiburguês. Sentia-se possuído de um sentimento de hostilidade pela classe de que provinha. Num poema que escreveu mais tarde, ele diria:

"Eu era filho de pessoas que tinham posses.

Meus pais puseram um colarinho engomado ao redor de meu pescoço e me educaram no hábito de ser servido e me ensinaram a arte de dar ordens.

Mais tarde, quando olhei à minha volta, não gostei das pessoas da minha classe, nem de dar ordens, muito menos de ser servido, e me afastei das pessoas da minha classe

para viver ao lado dos humildes."

A revolução alemã promoveu uma radicalização no sentimento antiburguês do jovem Brecht e o levou a se empenhar mais a fundo numa direção anticapitalista. Esse movimento confere à obra do poeta e teatrólogo características especiais, que o distinguem da exasperação dos autores expressionistas (com os quais Brecht tem pontos de contato inegáveis, no começo dos anos vinte).

O diretor da encenação de "Tambores da noite" que será apresentada ao público carioca, Luís Fernando Lobo, compreendeu essa originalidade de Brecht e soube recriar no palco da Rua Primeiro de Março toda a força da peça, tal como o dramaturgo a concebeu.